

A revista ARQtexto completa em dezembro de 2006 dez números publicados. Essa trajetória teve início no primeiro semestre do ano 2000, com o lançamento de um número de caráter experimental, ARQtexto Zero, hoje esgotado. Naquela ocasião, nosso editorial destacava entre as motivações da revista o interesse em fazer circular, com maior amplitude e regularidade, uma produção acadêmica extensa e abrangente, constituída em grande parte no âmbito do PROPAR.

O presente número, ARQtexto 9, é, de certa maneira, uma seqüência do número anterior, ao estabelecer como fulcro comum a pesquisa em arquitetura na pós-graduação. Ambos atualizam, assim, aquele compromisso de partida, e oferecem ao leitor um panorama dos interesses e temas que animam os projetos de pesquisa desenvolvidos hoje no PROPAR. Nesses dois últimos números, tanto divulga-se a produção da casa quanto se busca alimentar o debate arquitetônico desde uma certa diversidade de pontos de vista que, se muitas vezes complementares, não necessariamente têm de ser coincidentes. Essa vocação exige não apenas acolher perspectivas externas, mas também renunciar à tentativa de apresentar o esforço conjunto de investigação realizado em nosso âmbito particular como dotado de sentido demasiado unívoco.

Nesta edição, publicam-se nove textos. Posições e interesses distintos são sustentados por seus autores, mas proximidades temáticas apontam conversas emergentes, levadas adiante entre interlocutores de diferente formação e procedência. Em *Arquitetura Faroeste*, o arquiteto austríaco Markus Tomaselli lança um olhar exterior sobre a arquitetura recente de Porto Alegre, cuja perspectiva crítica, aliada ao relato de experiências vienenses, deve constituir suficiente estímulo a um debate urgente sobre a arquitetura efetivamente praticada em nosso contexto. Mas Porto Alegre é tema de reflexão também para outros autores: Heitor da Costa Silva e Luciane Stürmer Kinsel analisam sua região climática, oferecendo subsídios técnicos para uma crítica da arquitetura do ponto de vista do comportamento ambiental; Renato Holmer Fiore retorna a um espaço público de significado ímpar em *O caráter histórico da Praça da Matriz em Porto Alegre: significados do lugar, permanência e mudança*. E é através da palavra lugar que a conversa prossegue: a revisão e atualização do conceito de lugar no plano contemporâneo é a tarefa assumida por Lineu Castello em *O lugar geneticamente modificado*. Outras articulações surgem entre *Jogos compositivos na Cidade dos Prismas, Universidade do Rio de Janeiro, 1936*, texto de Rogério de Castro Oliveira, e a contribuição de Gilberto Flores Cabral, *O utopista e a autopista: os viadutos sinuosos habitáveis de Le Corbusier e suas origens brasileiras (1929-1936)*: neste caso, são as relações entre Le Corbusier e o Brasil que estabelecem uma espécie de contexto comum aos dois trabalhos. Airton Cattani discute o papel da representação gráfica no processo de construção em *Arquitetura e representação gráfica: considerações históricas e aspectos práticos*. Edson Mahfuz, em *Formalismo como virtude. Helio Piñón: Projetos 1999-2003*, escreve, em primeira mão, sobre a obra individual do arquiteto, iniciada em 2000 a partir da dissolução do estúdio catalão a que estava associado.

Em setembro deste ano, coube aos arquitetos, professores e estudantes gaúchos a oportunidade de assistir a Paulo Mendes da Rocha, arquiteto ganhador do Prêmio Pritzker de Arquitetura 2006, em evento promovido pelo PROPAR, com o apoio do IAB-RS e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Aqui publicamos a transcrição dessa conferência, como o texto de abertura dessa edição.